

Carta de Vladimir Herzog para Jean-Claude Bernardet e Lucila Ribeiro Bernardet

Londres, 7 de agosto de 1965

LONDRES, 7-8-65

Caros Jean Claude e Lucila.

Eis-me já assentado em Londres, já entrando aos poucos na rotina do “*British way of life*” e levando o barco adiante, à espera de dias melhores... Como sabem, estou na BBC, devendo ficar, em princípio, três anos. Quanto ao problema da volta ao Brasil, prefiro não colocá-lo no momento, mesmo porque seria fora de cogitações, em vista da evolução da situação aí. Não soube nada de vocês desde que partiram, apenas que o J.C. esteve em S. Paulo uma vez para fazer conferência. Eu estava na época ainda lá, procurei localizá-lo para bater um papo, mas em vão. Gostaria que vocês me escrevessem como vão as coisas aí em Brasília, se estão satisfeitos com o trabalho, o que está sendo feito etc. Na véspera da minha partida (2 de julho) falei rapidamente com PESG na Faculdade, quando ele me deu um esboço do currículo dos cursos de cinema. Eu trouxe comigo, à Inglaterra, bastante material sobre cinema brasileiro (fotos, livros, documentos) para utilização quando for necessário e útil promover as nossas coisas. Trouxe também comigo a cópia 35 mm com letreiros em francês de *Marimbás*, pois pretendo, se possível, fazer algum curso de aperfeiçoamento em documentário aqui ou em outro país da Europa e o usarei (bem ou mal) como amostra. Aliás, por falar na fita, sugeri ao PESG que levasse a cópia da Cinemateca um dia para Brasília e a submetesse ao crivo dos alunos. Estou curiosoíssimo em saber o que opinariam. Vocês que conhecem as minhas ideias a respeito da fita poderiam atuar (Lucila, principalmente) como meus porta-vozes. Eu acho que *Marimbás* serve antes de tudo como uma amostra do que *não se deve fazer*, ou seja, dos caminhos errados por que pode levar certa concepção superficial de “cinema-verdade” ou “cinema-inquérito”. Meu erro, como vocês sabem, foi repetido e multiplicado em alguns filmes que vieram depois, como por exemplo *Integração racial* de Saraceni, fita que pode ser derrubada com apenas cinco linhas de um estudo sério do problema encarado, como as pesquisas feitas na USP e outras. Acharia interessante, para efeito de exposição de métodos de trabalho, vocês contraporem de um lado minha fita e a do Saraceni (realizadas *sem* um conhecimento e posição crítica prévia em relação ao problema) e de outro as fitas do Leon e do Geraldo, a meu ver o protótipo do que o cinema brasileiro *precisa, lá e agora*. Acho também que nos encontramos (não sei se concordam comigo) numa encruzilhada perigosa para o chamado “cinema comprometido” e é preciso, ao mesmo tempo em que se estimula o aparecimento e o trabalho dos novos valores, fazer uma ampla operação crítico-autocrítica, pois as dubiedades e mal-entendidos, no Rio principalmente, estão começando a assumir proporção alarmante. Nos meus últimos dias no Brasil bati longos papos a respeito com muita gente, o Maurice, o Geraldo, Ianni, Alex etc. O GRANDE problema, a meu ver, é uma certa indolência intelectual que permeia tudo, todas as iniciativas, fazendo com que quase nada seja levado às últimas consequências e com rigor. Acho que dia mais dia menos pagaremos o preço desse desleixo e nos tornaremos, queiramos ou não, cúmplices dos causadores e mantenedores do *statu quo*. Acho que me entendem.

Antes de partir, ficou também assentada, em princípio, a ideia de realização de uma pesquisa de opinião pública sobre cinema brasileiro. Aproveitar-se-ia a realização dos quarenta e tantos festivais pelo interior de S. Paulo que a Cinemateca vai fazer, para a distribuição de questionários elaborados na medida que a pesquisa fosse progredindo (duraria um ano) e seria feita em colaboração entre a Cinemateca e, talvez, a Fundação de Amparo à Pesquisa. Ficaram encarregados de tocar o assunto para a frente o Ramalho e o Ianni, com colaboração de Geraldo, R. Santos e outros.

Acho que seria bom se vocês, lá de Brasília, colaborassem também na pesquisa, cuja finalidade não é normativa (como pensa o Maurice e por isso a ela se opõe) mas sim de contribuição para uma espécie de “conscientização” do processo de comunicação do cinema nacional, a fim de que os realizadores que realmente querem ter um pouco mais de certeza se estão chegando e sendo entendidos pelo público e, se não, por que não. E creio que saber respostas mais ou menos fidedignas a essas questões é fundamental, pelo menos quando se faz arte para fins determinados e para massas.

Gostaria que vocês me explicassem um pouco o currículo de Brasília, que me pareceu, à primeira vista, demasiado *eruditizante* e pouco prático. Será que estão querendo fazer um novo IDHEC ou é só impressão falsa minha? Como vão os filmes que estão projetados? E o Nelson, está se dando bem? Quanto a mim, parece que não será fácil fazer algo relacionado com cinema aqui. Falei com Ernest Lindgren, da Cinemateca Britânica. Eles não têm cursos regulares e tudo dependerá da possibilidade de futuros contatos pessoais. Enfim, tentarei. Aqui há grande procura de documentários tipo reportagem para TV. Vi alguns bons, premiados em festivais.

Muita desenvoltura, recursos técnicos mas, evidentemente, visão ideológica dos problemas inteiramente distorcida. E o pior é que, segundo estou informado, do mesmo mal padece cada vez mais o “lado de lá” também... Enfim, isto de país desenvolvido é muito bom, mas no que toca aos fundamentos é um... cocô! Agora vão exhibir aqui ciclos completos de Buñuel e Dreyer, com *Othelo* de O. Welles de sobremesa. E com isso, eu também vou me alienando *tout doucement*... Escrevam se precisam algo daqui, que seja útil aos cursos. De minha parte, sempre que achar algo mandarei. E comportem-se direitinho: nada de mais de uma girafinha por ano, hein ???

Abraços mil do Vlado.

P.S.: Recomendações ao Nelson e PESG.